



Velha Guarda: Comunicação, Memória e Samba. Práticas e Partilhas de um Mundo Comum¹

Maria Lívia de Sá Roriz.AGUIAR²

Micael HERSCHMANN³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Esse trabalho refletirá sobre a dimensão das emoções e do sensível nas práticas e processos de comunicação dos integrantes da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro construindo o que estamos denominando partilhas de um mundo comum. A presunção primeira é que através das emoções e do sensível são produzidos vínculos e o comum, que se deixam ver em estratégias do e no cotidiano. Essas estratégias são, no nosso entendimento, as práticas e as proposições narrativas de uma memória comum, uma “memória feliz”. Dessa forma, procuramos interpretar a ação desses agentes (os integrantes da Velha Guarda) como práticas de comunicação, construindo vínculos que se materializam numa dimensão sensível no cotidiano.

Palavras-chave

Velha Guarda; comunicação; emoções; memória; samba.

Considerações Iniciais

O presente trabalho faz reflexões ainda iniciais sobre a dimensão das emoções e do sensível nas práticas e processos de comunicação dos integrantes da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, construindo o que estamos denominando partilhas de um mundo comum. A presunção primeira é que através das emoções e do sensível são produzidos vínculos e o comum, que se deixam ver em estratégias do e no cotidiano. Essas estratégias são, no nosso entendimento, as práticas e as proposições narrativas de uma memória comum, uma “memória feliz”⁴. Procuramos assim, interpretar a ação desses agentes (os integrantes da Velha Guarda) como práticas de

¹ Trabalho apresentado no DT8 - Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha – ES 22 a 24/05/2014.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, e-mail: marialiviaroriz@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, e-mail: micaelmh@globocom.com

⁴ A conceituação de “memória feliz” é proposta por Ricoeur (2008) e será aprofundada no decorrer do artigo.



comunicação, construindo vínculos que se materializam numa dimensão sensível no cotidiano.

Articularemos a dimensão cognitiva presente nas suas práticas e narrativas e refletiremos sobre a formação de uma “memória feliz” como arcabouço de sentido de suas vidas imersas no mundo do samba. Assim, será central na reflexão a questão do sensível (emoções e afetos, no sentido também de *afectar*, deixando uma marca e possibilitando a eclosão do que estamos denominando “memória feliz”). As práticas desses agentes (Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro), articuladas num mundo comum (o ambiente da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba e das próprias Escolas, por exemplo), em afetos e emoções, produzem vínculos que são permanentemente reatualizados em novas práticas.

A questão teórica da comunicação não é exclusiva de objetos que deixam a ver de forma evidente processos de comunicação. Na comunicação se estuda práticas e processos de sujeitos inseridos num mundo comum. Particularizando um grupo, seguindo seus passos, entendendo os processos nos quais articulam trabalhos da memória na produção de seu lugar no mundo hoje; percebendo a dimensão cognitiva (e suas estratégias de vinculação); compreendendo o samba (nesse caso como articulador de processos de comunicação) como lugar de *afecção* e de modulação cognitiva desses sujeitos estaremos assim estudando as práticas e partilhas desse grupo (Velha Guarda) numa dimensão que é comunicacional.

Como explicita Sodré, a comunicação cobre “um largo, mas delimitado, espectro de ações e práticas” classificado por ele em três níveis: veiculação, vinculação e cognição. Sobre a vinculação, o autor enumera como sendo objeto dos estudos de comunicação as “práticas estratégicas de promoção ou manutenção do vínculo social, produzidas por ações comunitárias ou coletivas”, pautadas por “formas diversas de reciprocidade comunicacional (afetiva e dialógica) entre os indivíduos”. Já no que diz respeito à dimensão cognitiva há que se considerar “as práticas teóricas relativas à posição de observação e sistematização das estratégias de vinculação” (2002, p. 234-235).

Assim, a Comunicação emerge não como uma disciplina no sentido rigoroso do termo, mas como “uma maneira de por em perspectiva o saber tradicional sobre a sociedade, portanto, como um *constructum* hipertextual”, isto é, como um lugar de interface de saberes oriundos de diversos campos científicos, no qual a questão da interpretação assume papel decisivo. A comunicação seria, sobretudo, uma atividade crítica voltada



para a “sociabilidade, a etnicidade e as práticas de socialização pela cultura”: uma espécie de “filosofia pública” decreta Sodré (2002, p. 235).

Ao seguir as práticas de socialização de um agente determinado (nomeado como Velha Guarda) que produz vínculos a partir de ações comunitárias e coletivas (as festas, as reuniões e outras ações promovidas ao longo do ano nas quadras das Escolas e na Associação⁵ aonde se reúnem, as memórias articuladas na dimensão narrativa, etc.), considerando as sociabilidades e a sua imersão nessas ações, estaremos produzindo uma reflexão na qual a dimensão vinculante e a observação das estratégias na produção desses vínculos (cognição) serão centrais para a interpretação.

Nesse sentido, a Associação é o lugar onde eles se inserem como tendo destaque ainda hoje no mundo do samba, estabelecendo territorialidades dominantes a partir de seus trabalhos de memória. Seria aonde reinventam periodicamente as tradições do samba, guardadas pelos mais velhos, que, assim, se constituem em guardiões da memória do mundo do samba. Os sambistas da Associação constroem por diversas ações cotidianas – festas e comemorações, ritos e lembranças do passado – lugares de pertencimento que são permanentemente reatualizados. Nesse sentido, a Associação seria um dos territórios comuns, aonde resignificam a continuidade de sua importância no mundo do samba (AGUIAR, 2013).

Uma reflexão pertencente aos estudos de Comunicação

Podemos dizer que, grosso modo, três dimensões colocam esse trabalho no centro das reflexões dos estudos de comunicação. Como primeira dimensão e a mais visível: a interpretação das práticas de um grupo que tem na essência de sua nomeação o pertencimento ao mundo do samba correlacionaria essa pesquisa com inúmeras outras já realizadas na interseção entre o universo do samba e da comunicação, enfatizando questões como sociabilidades, tradição, etnicidade, etc.. Como segunda dimensão, poderíamos situar esse trabalho no grupo que articula o universo da produção musical com o da comunicação, relacionando-os muitas vezes a partir das reflexões propostas pelos teóricos dos estudos culturais. Nesse caso, procura-se estudar a indústria da música, articulando-se a questão econômica, com a da comunicação e da cultura⁶. E

⁵ Estamos nos referindo à Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ), criada em 1983, e que procura reunir os integrantes da Velha Guarda das diversas Escolas de Samba da cidade, promovendo neste lugar físico atividades que no nosso entendimento resignificam o samba, através de estratégias na qual a questão da articulação de um passado comum do grupo se sobressai, passado esse reatualizado em atribuições que definem seus lugares no mundo do samba como portadores dos signos da tradição desses agentes (lugar esse que se produz não sem conflitos e lutas por significações).

⁶ São exemplos desse trabalho os realizados por HERSCHMANN (2007 e 2010), JANOTTI JR. (2003); DE MARCHI (2011), entre outros.



como terceira dimensão, a qual essa pesquisa se filia mais claramente, a percepção de como práticas de sociabilização pela cultura são elaboradas e partilhadas, produzindo ações vinculantes. Portanto, é o vínculo é o objeto do estudo proposto, e não meramente a relação música e comunicação.

Objetiva-se interpretar a dimensão das emoções e do sensível nas práticas e nos processos de comunicação de um grupo que faz da música o lugar de sua inserção no tempo (no passado memorável, no presente das afecções e no futuro enquanto expectativa). A construção do lugar de inserção, através do qual se definem, articula-se, na nossa hipótese, a partir de estratégias comunais, produzindo um mundo comum, que pode ser desvendando se seguirmos suas práticas, traduzidas em múltiplas narrativas (sejam aquelas verbalizadas, sejam as que são corporificadas nas suas ações cotidianas). Na sua reflexão sobre os processos comunicacionais, Sodré (2002) propõe a redescrição do conceito de comunidade, considerando um vínculo com o Outro numa cadeia de reciprocidade, responsabilidade e compromisso. Estudar o grupo pressupõe, no nosso entendimento, uma reflexão sobre o Eu e o Outro, ações essenciais na construção de um mundo partilhado, ou seja, a edificação de bases de uma comunidade.

O autor alerta que a comunidade redescrita precisa ser concebida não como um espaço próprio, mas como uma relação intersubjetiva, “que pode acontecer no interior da sociedade individualista moderna, de maneira velada ou esporádica” (2002, p. 195). A reciprocidade e a solidariedade como formas de expressar e ver o Outro são próprias desses laços que “põe uma tarefa em comum”. Para ele, a comunidade (do latim *communitas*, que engloba “o que reúne”, ou seja, o Eu e o Outro; e o dever, a obrigação e a dívida expressa no radical *munus*) não é uma substância (território, costumes, ideais políticos, etc.) que é compartilhada; mas sempre uma dívida com o Outro impessoal.

O ser-em-comum da comunidade é a partilha de uma realização, e não a comunidade de uma substância. Quer dizer, não se define como um estar-junto num território, numa relação de consanguinidade, numa religião, mas como um compartilhamento ou uma troca (SODRÉ, 2002, p. 224)

Nesse sentido o comum definido por Sodré aproxima-se da noção de Conjuntividade proposta por Agnes Heller (1993). Para a autora não basta viver um mesmo tempo cronológico ou uma mesma época para sermos conjuntivos. A Conjuntividade se define quando há a percepção de uma partilha efetiva entre aqueles que vivem juntos, o que pressupõe a dimensão da comunicação e do cotidiano.



Definindo o sujeito da comunicação como aquele que vive, apalpa, sente e experimenta a comunicação, para Sodré (2002) este é sempre um ser relacional e incompleto, aberto às múltiplas possibilidades interpretativas, inclusive às incompletudes do pesquisador que procura desvendar a complexidade de um mundo a partir de questões ordinárias, mas que podem ser guias para a compreensão das ações humanas.

Há que se ter em conta também duas outras proposições: primeiro, que a produção científica cada vez mais se traduz pela tentativa de compreender o mundo a partir de uma visão híbrida (LATOURET, 1994 e 1995), no qual nem os objetos são dados, nem são neutros e colocados em lugares estanques; e segundo, a revalorização das pesquisas que tem como base a sinergia das emoções nas reflexões em diversos domínios, desde as últimas décadas do século passado⁷. Assim, a dimensão do sensível coloca no centro da análise de muitos campos de conhecimento a alegria, a felicidade, enfim, as emoções (SODRÉ, 2006; FREIRE FILHO *et alli*, 2010, RANCIÈRE, 2009).

Por outro lado, ao tentar capturar a dimensão das emoções e do sensível nas práticas e processos de comunicação de um grupo específico (a Velha Guarda) estamos buscando entender os vínculos do *ser-em-comum* desse grupo, tendo como central a discussão em torno da ideia de comunidade e do cotidiano.

Num texto em que particulariza a questão das emoções como pertencentes a um lugar e a ações de natureza política, Vinciane Despret destaca em primeiro lugar a naturalização histórica com que se construíram as emoções como sendo naturalmente opostas à razão. Nessa visão cultural as emoções se articulariam no “espaço público”, que assim se transveste no espaço da razão, enquanto o “espaço doméstico ou privado” seria o espaço da sensibilidade. E conclui: “atribuir a emoção a uma categoria coletiva pode então significar sua exclusão do espaço político” (DESPRET, 2011, p. 31).

Refletindo sobre a definição, Despret (2011) mostra que o caminho para refazer a história da formação das emoções é longo e complexo. E propõe: “Eu proponho a vocês preferencialmente considerar as coisas em termos de questões atuais, que mostrem como certas concepções serão investidas pelas pessoas, utilizadas como estratégias relacionais, e então, mantidas vivas”. (DESPRET, 2011, p. 37).

⁷ Freire Filho (2013, p.127), citando Woodward (1996, p.759), assinala que as emoções se tornaram um “assunto palpitante” no mundo acadêmico. No mesmo artigo, o autor faz referências às pesquisas, que vêm sendo realizadas, desde o começo dos anos 1980, por filósofos, antropólogos, sociólogos e historiadores questionando “o sistema hierárquico no qual as emoções figuram como *agitações ancestrais, ruídos primitivos*, cujo extravasamento prejudica a regência da razão e tumultua a harmonia social”.



Nesse sentido, para ela as “emoções são aquilo que nos transborda, que nos acontece, o que explica que pensamos que elas sejam irracionais”. E o transbordamento é uma experiência, o que obriga a pensar as relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O que se busca, enfim, ao se pensar as emoções é a experiência do transbordamento (DESPRET, 2011, p. 37-38).

Ao discutir a mesma questão, Márcia Moraes destaca também as teses de Bruno Latour acerca do conhecimento científico de maneira geral. Nessas assume lugar central a não dicotomização do mundo, atribuindo lugar fixo à razão como atributo de um sujeito dado e separado do mundo social. Latour concebe a ciência como um híbrido. Tudo passa a ser “efeitos de nossas práticas híbridas, sendo suas fronteiras repactuadas pelo coletivo” (MORAES, 2008, p.42).

Ao ter como pressuposto seguir os agentes (Velha Guarda) em suas práticas, descrevendo os elos produzidos e os efeitos das associações, que manifestam a dimensão do sensível, estamos inserindo essa pesquisa no debate que toma como pressuposto a não dicotomização do mundo a ser analisado entre o mundo do indivíduo e o mundo da sociedade.

Assim, por exemplo, ao entrevistar um dos meus agentes (Tia Surica, componente da chamada Velha Guarda Show da Portela) num estúdio de gravação, importa saber que cheguei até ela por uma porta de entrada especial que faz parte da minha vida (o produtor da sambista é conhecido da minha família desde antes do meu nascimento). Por outro lado, no estúdio não havia apenas Tia Surica, mas um mundo dos objetos: o microfone, os equipamentos de gravação e muitos outros correlacionados à música. Mas havia também a peruca que ela usa, o azul e branco das roupas marcando sua filiação emocional à Portela. Ou seja, as práticas que estamos nos propondo a seguir dizem respeito não apenas à ação de um sujeito individual no mundo, mas aos objetos em relação com esse sujeito e do mundo individual como o mundo social⁸.

Algumas reflexões teóricas demarcadas como pertencentes ao campo da Psicologia, como o estudo dos processos cognitivos, dos sistemas afetivos e emocionais, nas teorias

⁸ Esse pressuposto da não dicotomização das análises está contido também na Teoria do Ator Rede (TAR) de Bruno Latour. Grosso modo, podemos dizer que na percepção desse operador inicialmente metodológico, mas que avançou na direção da construção de postulados teóricos, Bruno Latour (2004, 2002, 1995, 1994, entre outros) advoga a não distinção entre agentes humanos e não humanos. O que está sob foco são as práticas, envolvendo agentes díspares e heterogêneos, com os quais fazemos “no” cotidiano (e não “o” cotidiano) e pactuando formas de vida em comum. Por outro lado há que considerar que a teoria de Latour trás dificuldades para a inclusão de dimensões que ultrapassem as características sociotécnicas dos objetos estudados e para a inserção dos silêncios e dos não-ditos. As escolhas epistemológicas propostas por Latour não atenderiam aos que ficam fora das redes-atores. As estratégias analíticas da TAR seriam, assim, baseadas em positivities, não considerando a gestão das emoções, para além das redes e da lógica do poder (MENDES, 2010, p. 448).



que sustentam a cognição humana, a emoção, entre outros que configuram o comportamento humano (ARENDDT, 1997), podem acrescentar a esta reflexão a dimensão cognitiva indispensável na análise dos pressupostos comunicacionais.

Não temos pretensão de instaurar um novo debate, mas apenas contribuir para a reflexão sobre o tema. É preciso considerar que os atores centrais em nossa análise habitam um mundo pleno de significados, cada um deles pode também criar vozes e formas discordantes que expressam suas singularidades no grupo. Quando dizemos que na pesquisa iremos seguir o fluxo e os movimentos dos integrantes da Velha Guarda, será exatamente no sentido de captar as vozes e as formas discordantes que os constituem.

Se considerarmos que ator é tudo o que tem *agência*, isto é, para Latour a noção de ator inclui a produção de efeitos (ARENDDT e *alli*, 2006, p. 65), devem ser considerados também os efeitos provocados por eles. No caso dessa pesquisa, os atores fazem parte da Velha Guarda com a construção de seus fatos, seus mitos, sua fabricação (que sofrem e produzem os efeitos dessa fabricação e de suas ações). São, portanto, esses efeitos, esses fatos, esses mitos, essa fabricação como Velha Guarda e o lugar que ocupa no mundo samba que iremos descortinar ao seguir as suas práticas. A fabricação é uma ação e um vínculo de comunicação. A interpretação revela a dimensão cognitiva presente na análise.

Por outro lado, há que se destacar também a problemática dos vínculos. Latour (2004), por exemplo, enfatiza que pensar a questão é colocar em relação os bons e maus vínculos que o sistema de relações constrói. Vínculo, para Latour, “designa o que comove e coloca em movimento, fora da antiga tentativa de definir a ação a partir do dilema da determinação versus liberdade” (LATOUR, 2002 a).

Mas se considerarmos, na dimensão que Sodré propõe (2006), que a questão do vínculo pressupõe muito mais do que um simples processo interativo, vincular-se significaria a imersão total desses indivíduos (desde a dimensão imaginária até a orientação de condutas práticas), construindo laços que mostrariam o grupo como uma comunidade de afetos instaurada a partir da dimensão do sensível. Nesse sentido, são laços de comunicação que produziram esta comunidade de afetos nas práticas cotidianas.

Quais são as estratégias de vinculação do grupo? A partir desse vínculo se instaurariam e se reconheceriam como comunidade? Como vivem esses laços no cotidiano? Qual a dimensão da “memória feliz” para a construção dos vínculos? Essas são algumas questões que emergem da reflexão sobre a complexa questão dos vínculos como lugar



estratégico do mundo da comunicação relacionado diretamente ao objeto empírico dessa pesquisa.

Ao seguir as práticas dos agentes (a Velha Guarda) no cotidiano, introduzimos a questão teórica dos afetos, do sensível e das emoções como fundamental para a análise. Vinciane Despret no livro *Ces émotions que nous fabriquent* (1999) revela a importância de se ater à questão da fabricação das emoções, destacando mais uma vez a ação dos agentes na produção de vínculos e na dimensão do sensível. É nesse sentido, também, que devemos pensar o social não em termos de relações entre os homens, mas em termos de processo, de ação, de produção.

A fala do grupo, suas expressões se multiplicando nos gestos de seus corpos e nos lugares que são construídos para a expressão dessa fala, quase sempre são identificadas com os pressupostos da alegria e da felicidade. O mundo comum, portanto, é prefigurado como lugar alegre e feliz. A pergunta que podemos fazer é que silêncio é construído em torno dos invisíveis de suas falas? Para escutar os silêncios há que estar atento aos limites das estratégias narrativas utilizadas pelo próprio pesquisador, para identificar nos indícios e nos silêncios, aquilo que pode ficar invisível numa rede de agenciamentos.

É preciso perceber a afetação dos agentes no “interior de uma linguagem”, (aqui entendida como ampla expressão que inclui múltiplos jogos discursivos), como especifica Sodré (2006, p. 10). Essa percepção permite dimensionar o que autor também particulariza como estratégias sensíveis. Estratégias que desvendam os vínculos localizados na afetação do atuante no interior de redes múltiplas, que incluem a dimensão do sensível.

Na sua definição em que postula a estética da política como experiência⁹, Jacques Rancière parte do pressuposto de que o sensível existe fundamentalmente enquanto partilha, e a define como “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas”. O comum partilhado e as partes exclusivas são fixados, para o autor, pela partilha do sensível. São atividades, lugares, tempos que passam a ser partilhados definindo quem participa do comum e como cada um toma parte nesta partilha (2009, p. 15).

A questão da memória

⁹ Diz Rancière, “a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (2009, p. 16-17).



Esse comum partilhado e enunciado se faz por estratégias narrativas que colocam em destaque jogos memoráveis. Num longo debate que começa no início do século XX, a conceituação teórica da memória repartiu-se numa visão que a considerava como pertencendo ao indivíduo e outra que introduz na sua definição a dimensão social. As reflexões de Sigmund Freud, em “Repetir, recordar e elaborar” (1914) e em “Notas sobre o Bloco Mágico” (1924) foram inaugurais e fundamentais para a construção do conceito. Por outro lado, o sociólogo Maurice Halbwachs (1925; 1939; 1950) acrescentou a dimensão social e coletiva como sendo indispensável para pensar a memória¹⁰. A tradição dos estudos da memória seguem no século XX duas direções: a primeira constrói a sociologia da memória a partir das formulações inauguradas por Halbwachs e a segunda é dependente da tradição filosófica de Henri Bergson (1990). Mas ambas dialogam diretamente com a psicanálise freudiana, uma vez que foi Freud que introduziu na clínica psicanalítica a necessidade de “recordar, repetir e elaborar” (1914).

Ao longo do século XX, as reflexões em torno da questão assumiram múltiplas configurações. Lugares, restos, trabalhos, imagens, vestígios, farrapos, subterrâneos possíveis de sofrerem enquadramentos, memórias silenciadas e marginalizadas são expressões sínteses que acompanham diversas conceituações (NORA, 1984; HALBWACHS, 2006; HUYSEN, 2000; RICOEUR, 2008; POLLAK, 1989 e 1992).

Em “Recordar, repetir e elaborar” (1914), Freud apresenta a questão na dimensão do que denomina “lembranças encobridoras”, relacionando-a ao ato suposto de lembrar ou esquecer. Pela recordação monta-se a história que figura numa lacuna. O recalçamento, ou seja, a produção de lembranças encobridoras ou lembranças não acionadas é o ato suposto mais importante. Traz-se o esquecimento para a lembrança, através da suspensão da repressão e os buracos mnêmicos são preenchidos com as recordações. O esquecido nunca se transforma em lembrança; transforma-se em repetição, em ação. Repetir implica, pois, evocar um fragmento da vida real, sendo, portanto, revelação (e não o registro) de algo que é vivido e representado psiquicamente. É ato, ação do presente¹¹.

¹⁰ A primeira edição de *A memória coletiva* é 1925, embora a edição a que fazemos referência seja de 2006. O artigo “La mémoire collective chez les musiciens”, incluído na edição de *A memória coletiva*, editada em 2006, no Brasil, é de 1939. Já a primeira edição dos *Quadros sociais da memória* é de 1950.

¹¹ No campo filosófico é preciso considerar também as discussões de Henri Bergson (1990) construindo uma fenomenologia da lembrança. Grosso modo, podemos dizer que para Bergson a imagem que se forma a partir da ação mnêmica está sempre mediada pela imagem presente no corpo. A memória age fisicamente, nas reações do corpo sobre o ambiente. Opõe o que chama percepção atual (a imagem aqui e agora do corpo, a matéria) do que chamará de



Considerando que a ação memorável (ou o “fazer-memória” de que fala Ricoeur) pressupõe o reconhecimento, no qual a fidelidade ao passado é apenas um desejo (um “voto”), a dimensão declarativa da memória visaria uma memória feliz (2008, p. 502).

A memória feliz seria aquela que pelo ato de reconhecer (mesmo que esse se manifeste sob a forma de uma imagem e necessariamente tenha na fidelidade ao passado apenas o desejo) atribui “a si mesmo, aos próximos e aos longínquos” a figura do reconhecimento como materialidade de uma distância que se torna proximidade e reconcilia a minha memória com a de todos os outros que não eu e meus próximos. Sujeitos múltiplos da memória produzem a memória feliz, memória apaziguada, memória reconciliada, que, para Ricoeur, seria então “as figuras da felicidade que nossa memória deseja para nós mesmos e para nossos próximos” (2008, p. 503-504).

É, então, no sentido de afectar, colocar uma marca que permite a exclamação “é ela! É ele”, que explode pelo reconhecimento da memória, que a retenção de um mundo comum pode vir a ser expressa por imagens-lembranças declarativas. É, portanto, na dimensão do sensível (e do possivelmente declarável) que o afeto se coloca na cena desse trabalho. “Afeto é o nome recente para o que antes se designava como *afecção* (...) deste modo, sendo *affectio* um estado do corpo afetado por outro presente, e o *affectus*, uma passagem de um estado a outro, são diferentes as *afecções-imagens* ou ideias dos *afetos-sentimentos*”. Se, por um lado, o afeto supõe uma imagem ou uma ideia, por outro lado, ele não se reduz ao transitório e ao representacional (SODRÉ, 2006, p.28).

Para Sodré, as afecções equivalem aos modos, que se acham presentes tanto no corpo como no espírito. Nesse sentido, a memória feliz seria síntese das afecções, no modo da extensão e no modo do pensamento. Ampliando ainda mais o debate, Muniz Sodré particulariza a questão das emoções, definindo-as como “fundamentais para a ‘máquina homeostática’ do corpo” (...). “Do ponto de vista psicológico, sejam, positivas ou negativas, elas estão aí, constituem a vida e têm de se expressar” (SODRÉ, 2006, p.50).

Os agentes centrais dessa pesquisa baseiam-se sua imagem social no afeto e nos vínculos a partir da sua constituição como comunidade que vive no cotidiano uma rede de afetações, sendo o reconhecimento princípio de seu lugar no mundo. Nesse sentido, construiriam a ideia do comum a partir da sua inserção nessas múltiplas redes de

lembrança. A partir da diferença entre percepção pura e memória, propõe a existência de duas memórias: a do corpo, memória-hábito, dos mecanismos motores; e outra, lembranças isoladas, singulares, a memória sonho bergsoniana.



relações, mas que seriam naturalizadas e particularizadas como pertencendo a um só lugar: o lugar da vida que se transmutaria no lugar do samba.

A comunidade argumentativa (que produz vínculos de sua vida com o universo do samba de maneira permanentemente reatualizada) se transformaria numa comunidade afetiva.

No lugar, portanto, de uma comunidade argumentativa e consensual, produtora de normas e sentido num contexto intersubjetivo de livre discussão, emerge uma comunidade afetiva, de base estética, onde a paixão dos sujeitos mobiliza a discursividade das interações (SODRÉ, 2006, p.65).

Movidos pela paixão por esse universo particular (o samba, as Escolas e todas as redes que o constituem) passariam a ser comunidades no sentido que particulariza Sodré ao falar de comunidade afetiva? É a paixão por este lugar real/simbólico que mobilizariam suas ações, que, assim, unificariam seus discursos verbais/corporais, produzindo múltiplas interações. Inclusive na dimensão da constituição de uma memória feliz.

Um olhar sobre a Metodologia

Como operador e pressuposto metodológico central privilegiar-se-á as práticas como lugar que deixa aflorar redes de construção. Para Annemarie Mol (1999), a realidade não precede as práticas, sendo antes de tudo modelada por elas. Ao afirmar a existência de uma ontologia da prática localizada na própria prática e construindo o que chamou de *praxiografia*, Mol oferece uma metodologia narrativa que considera a amplitude dos agentes, instrumentos, instituições, ambientes e seu entorno para o melhor entendimento do que se quer descrever e analisar.

Na sua conceituação é fundamental a ideia de *performance*. Para ela a realidade pressuposta como múltipla depende de um conjunto de metáforas, já que em função do lugar ocupado pelo agente ele *performará* uma atuação. Assim, nas práticas cotidianas há diferentes *performances*, moldando realidades diversas que coexistem. São, portanto, as *performances* instituídas em lugares reconhecidos (Associações, Escolas de Samba, etc.) e não reconhecidos (a casa dos sambistas, os traslados pelas ruas da cidade em direção aos lugares do samba, etc.) aonde esses agentes se movem que serão seguidas pelo olhar do pesquisador numa etnografia das práticas cotidianas a ser produzida e igualmente *performadas* por quem realiza a pesquisa.

Considerando do ponto de vista metodológico que toda ação de prospecção e reflexão do mundo social pressupõe movimento, ação, hibridização na adoção do caminho da pesquisa há como condicionante estar no campo em ação, dentro dos territórios a serem pesquisados de forma integral.



Como estamos propondo acompanhar as práticas, a etnografia é base fundamental como ferramenta metodológica. Uma pesquisa etnográfica não seria apenas entrar fisicamente em outro território. Há que se viver intensamente dentro dessa rede e fazer parte das suas malhas. Para realizar essa etnografia além da observação atuante, do contato direto com os atores, também nos valeremos de entrevistas¹².

A Velha Guarda como uma rede possui muitas malhas e o que estamos propondo como metodologia é viajar nessas múltiplas malhas, participando integralmente dessa rede. Entrar em seus mundos privados (casa, família, trajetos para ir aos encontros da Velha Guarda) e mundo público (festas, reuniões, quadras, as escolas de samba, etc.). A pesquisa etnográfica utiliza um conjunto de ferramentas e técnicas como a observação participante, a entrevista e a análise documental e exige do pesquisador um contato duradouro com os agentes pesquisados e com o campo da pesquisa (TURATO, 2003).

Considerações Finais

O trabalho que ora apresentamos está se iniciando nesse momento com a entrada no Doutorado, no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ. São os passos iniciais de uma pesquisa, mas a continuação de um olhar para o mesmo objeto – as Velhas Guarda das Escolas de Samba do Rio Janeiro. Se o objeto é o mesmo, as perspectivas são diferentes. Sendo assim, se no mestrado a memória era o eixo principal, no doutorado recai sobre as emoções, a questão do sensível e dos afetos. Assim, seguir as práticas desses agentes (Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro), será viver num mundo comum (o ambiente da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba e das próprias Escolas, por exemplo), e perceber que afetos e emoções, que produzem vínculos que são permanentemente reatualizados em novas práticas. Dessa maneira, como pesquisador deixando nos *afectar*, no sentido empregado por Muniz Sodré, pelo grupo e entendo a partir das práticas suas estratégias. Entendendo os meandros dessa comunidade que se a partir de suas práticas se intitulam uma “comunidade feliz”.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Ronald João Jacques; FERREIRA, Arthur Leal Ferreira; MORAES, Marcia Oliveira; TSALLIS, Alexandra Cleoparte. “O que nós psicólogos podemos aprender com a Teoria Ator-Rede”. *Interações*, julho-dezembro 2006, ano/vol. XII, número 22. Universidade São Marcos. São Paulo, Brasil. pp.57-86.

_____. “Psicologia comunitária: teoria e metodologia”. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 10, n. 1, 1997, UFRGS.

BÉRGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

¹² Sobre etnografia como instrumento de pesquisa cf. GIL (2006) e LADEIRA (2007), entre outros.



- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de momo*. Imprensa e carnaval na primeira república. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.
- _____. *Velhas Histórias, Memórias futuras*. O sentido da tradição em Paulinho da viola. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.
- DE MARCHI, Leonardo. *Transformações estruturais da indústria fonográfica no Brasil 1999-2009*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Comunicação. UFRJ, 2011.
- DESPRET, Vinciane. “As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções”. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 1, p. 29-42, Jan/Abr 2011.
- _____. *Ces émotions que nous fabriquent*. Etnopsychologie de l’authenticité. Synthelabo, Paris, 1999.
- FREIRE FILHO, João (org.) *Ser feliz hoje*. Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- _____. “A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e ódio nas redes sociais”. In: BARBOSA, Marialva e MORAIS, Osvando. *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*. São Paulo: INTERCOM, 2013.
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914) e Notas sobre o Bloco Mágico (1925). *Obras completas*. Edição Eletrônica Brasileira das Obras de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, s/d.
- GIL, A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GUIMARÃES, Fernanda Paiva. *O samba em pessoa: narrativas das Velhas Guardas da Portela e do Império Serrano*. Dissertação de mestrado, PPGHS/FFLCH, USP. São Paulo: 2011.
- HALBWACHS, Maurice *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976.
- _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HERSCHMANN, Micael. *Indústria da música em transição*. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2010.
- _____. *Lapa. Cidade da Música*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- HUYSEN, A. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Artyplano, 2000.
- JANOTTI JR., Jeder. *Aumenta que isso aí é rock and roll*. V. 1. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.
- LATOUR, B. “Dialogue sur deux systèmes de sociologie”. In BREVIGLIERI, M., LAFAYE, C. & TROM, D. (Eds). *Sens de la justice, sens critique*. Paris: Economica, 2004 In: <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/95-GSPM.html>.
- _____. “The promises of constructivism”. In: IDHE, D. & SELINGER, E. (Eds.). *Casing technoscience: Matrix of materiality*. Indiana University Press, p. 27-43, 2002.
- _____. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.
- _____. Les “vues” de l’esprit. Une introduction à l’anthropologie des sciences et des techniques. *Culture technique*, vol 14, 1995.
- LADEIRA, W. Teorias e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional. *Revista de Ciências Humanas*, v. 7, nº 1, jan-jun 2007, p. 43-56.
- LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba*. Ritual e sociedade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- MENDES, João Manuel de Oliveira. “Pessoas sem voz, redes indizíveis e grupos descartáveis: os limites da teoria do actor-rede”. In: *Análise Social*, vol. XIX (196), 2010, p. 447-465.
- MOL, Annemarie. “Ontological Politics. A world some questions”. In: LAW, John e HASSARD, John (org). *Actor Network Theory and After*, Blackwell/The Sociological Review, 1999.
- MORAES, Marcia. “A contribuição da Antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em Psicologia Social: uma oficina de expressão corporal com jovens deficientes visuais”. In: *Psicologia & Sociedade*, 20, Edição Especial, p. 41-49, 2008.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. 2ªed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris : Gallimard, 1984, Vol. 1.



- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, nº 10, 1992. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, p. 200-212.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Vol. 2, Nº 3, 1989. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2008.
- RODRIGUES JUNIOR, Nilton. *O que faz a velha guarda, Velha Guarda?* Dissertação do mestrado, PPGSA/IFS, UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.
- SÁ, Simone. *Funk carioca: música popular eletrônica brasileira*. In: E-Compós. Brasília, v. 10, 2007.
- SANTOS, Nilton. *A arte do efêmero*. Carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: vozes, 2006.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- TURATO, E.R. *Tratado da metodologia clínico qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2003